

VITTORIO TERNI¹

(Ancona, Itália, 1904; S. Paulo, 2000)



Vittorio Terni, 1972.

Foto reproduzida da ficha-requerimento do DOPS
para visto de saída do país. Acervo:
Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Vittorio Terni a Maria Luiza Tucci Carneiro, com texto revisado e complementado pelo entrevistado em 12 de março de 1990 (manuscrito). S. Paulo, 1º de junho de 1990. Gravada em áudio e cedida ao Arqshoah/Leer-USP em 2017. Pesquisa: Blima Lorber. Iconografia: Tucci Carneiro e Rebeca Moura. Transcrição: Tucci Carneiro.

Minhas raízes ítalo-sefaraditas

Meu nome é Vittorio Terni e nasci em Ancona (Itália) em 22 de junho de 1904. Por aí vocês podem calcular minha idade neste ano de 1990, quando estou sendo entrevistado pela Profa. Tucci Carneiro: 86 anos. Sou filho de Vito Chaim Terni, advogado, cujo nome era muito comum na Itália, onde tem um santo com este nome: São Vito. Mas, para nós, corresponde à “vida”. Minha mãe chama-se Élena Lea Terni, nascida em Almagià, cuja família veio, segundo contam, da Espanha ou do norte da África. Almagià é a italianização de Almaya (em hebraico), palavra que consta no *Kadish**. Sabemos que este fenômeno – o da emigração forçada – aconteceu inúmeras vezes, em épocas distintas. Tanto é que os judeus já haviam sido expulsos da Espanha em 1482.^A Entre os judeus que deixaram a Espanha naquela época estava o conhecido filósofo Maimônides.^B Tanto é que não foi uma

A-A expulsão dos judeus da Espanha se deu pelo Decreto de Alhambra, também conhecido como Édito de Granada e Édito de Expulsão. Foi um decreto régio promulgado pelos reis católicos, Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, ordenando a expulsão ou conversão forçada da população judaica da Espanha, e levando à fuga e dispersão dos sefaraditas (judeus ibéricos) pelo Magrebe, Médio Oriente e sudeste da Europa. Foi escrito por Juan de Coloma, o secretário real, e assinado em Alhambra, Granada, em 31 de março de 1492.



Ancona, cidade natal de Vittorio Terni.
Google Maps.

B-Com apenas 13 anos, Maimônides teve que fugir, devido à expulsão dos judeus que não haviam se convertido ao islamismo radical do califado almóada, que haviam conquistado Córdoba, em 1148. Liderados por Abd-el-Mumin, os almóadas destruíram a comunidade judia, queimaram sinagogas e centros de estudos; judeus e cristãos foram proibidos de professar sua religião abertamente, o que os levou a praticar apostasia; muitos foram martirizados professando sua religião e outros optaram pelo exílio. Durante doze anos, a família Maimon vagou pelo sul da península Ibérica até se estabelecer em Fez (Marrocos) onde, após seus estudos, Maimônides tornou-se líder da comunidade, atuando como administrador, juiz, médico e conselheiro. Novas perseguições levaram Maimônides para Acco (no atual Estado de Israel) e, de lá, para Alexandria e depois para Fostat, no velho Cairo. (VERZA, 1999).

fuga, e sim uma caçada. Na Itália, nunca imaginamos que uma situação semelhante pudesse acontecer e, ainda mais, em pleno século XX. Infelizmente, a monarquia teve medo e obedeceu a Mussolini. Só perderam com tudo isso!

Meus avós maternos eram mais assimilados e vinham de uma família de banqueiros que, entre outras coisas, havia financiado o cais do porto de Alexandria, no Egito. Meus avós paternos nasceram no gueto de Roma e o meu pai nasceu no ano de 1870, quando não mais existia o gueto de Ancona.^A Eram muito religiosos e deram aos seus filhos uma educação religiosa, estudando no *Talmud Torá**, mesmo sem serem ricos. Meu avô, Sansone Shimshon Terni, era primo do rabino David Abraham. Certa vez – não sei em que circunstância – ele recebeu um grande presente: uma belíssima Bíblia datada de 5653 (1893), que depois eu dei ao meu filho, Arrigo. Estava escrita em hebraico e trazia gravada a frase “Com licença dos superiores”, pois naquele tempo era necessário obter a permissão do Papa para se imprimir em hebraico. Durante mais de cinco gerações, minha família morou em Ancona, sendo que muitos eram comerciantes. Além disso, já não sei mais nada. Lembrar é difícil...!

Meu avô paterno sempre nos ensinava canções patrióticas italianas. E ele se comovia quando lia alguns trechos em *Pessach**, por exemplo. Ficava com lágrimas nos olhos! Aquilo era religião verdadeira! Mas, isso não foi assimilado por meu pai, bem menos, pois era época da emancipação. Porém, quando nos chamavam ao *Sefer**, por exemplo, chamavam pelo sobrenome: de Terni. Esses nomes geográficos que nós usamos, existem também em outros países, não apenas na

A-O gueto de Ancona foi criado em 1814. Após a queda de Napoleão, a cidade voltou à autoridade papal, que restabeleceu o gueto, mas seus portões foram demolidos em 1831 pela atividade revolucionária, tendo David Almagià como um dos revolucionários. Somente em 1843 foi abolida a residência obrigatória. Disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/1491-ancona>>. Acesso em: 13 set. 2018.

Itália, e quer dizer que viemos daquele lugar. Por exemplo, Corinaldi é o nome de uma cidadezinha pequena.

Tive três irmãos: uma irmã, que era a mais velha, e dois irmãos, sendo eu o mais jovem. Meu irmão do meio morreu na África, durante as guerras pela conquista do Império italiano, devido à infecção de um ferimento. Todos da minha família eram tradicionais de Ancona no mínimo há três ou quatro gerações. Ancona fez parte do Estado Pontifício até a unificação da Itália. Na época em que lá vivi, a comunidade judaica era composta por cerca de mil pessoas, entre 60 mil habitantes.



Ancona, cidade natal de Vittorio Terni, década de 1920. Acervo: Collezione G. Fiorentino. Disponível em: <<http://www.mondotram.it/tram-cinema/images/Ancona-0017-Palombella-TaSegno-FilobustiereBig.jpg>>. Acesso em 13 set. 2018.

Em Ancona existiam três sinagogas, pois tanto o Estado como a Igreja tinham interesses em manter os judeus na cidade. Lembro que o gueto foi extinto no final do século XIX. Frequentávamos a sinagoga nas Grandes Festas e o *Shabat** era realizado na casa dos meus avós paternos, pois na nossa casa não costumávamos celebrá-lo às sextas-feiras, já que vivíamos com os nossos avós maternos. Minha avó materna nasceu em Corfu, na Grécia. Ela vinha de um ambiente assimilado, tanto que alguns dos seus tios aconselhavam que a mandassem estudar em um instituto laico, numa escola perto de Pisa, junto com meninas cristãs. Isso quando ela tinha 18 anos. Eu tenho a impressão que foi com o “empurrão” desses tios que a menina foi afastada do judaísmo. Imagine naquela época mandar uma menina para um



Sinagoga Levantina de Ancona, cujo edifício foi construído em 1876.
Disponível em: <<http://congliocchidiunaguida.blogspot.com/2014/09/la-sinagoga-di-ancona.html>>. Acesso em: 8 set. 2018.

colégio laico! Meu avô paterno, este sim, observava o *Shabat** na sua casa. Quando ele vinha almoçar na nossa casa, pedia para que a governanta lhe trouxesse comida *kasher** de casa.

Durante mais de cinco gerações minha família morou em Ancona, sendo que muitos eram comerciantes. Eu estudei em Ancona, onde passei parte da minha infância, mas não em uma escola judaica. Depois fui estudar em Urbino e Bolonha, na Faculdade de Direito. Sempre passei muito bem nos exames, mas nunca cheguei a advogar. Conversei muito com meu pai sobre este assunto, sobretudo porque ele era um bom advogado (eu certamente teria sido inferior a ele). Então, eu lhe disse: “Desde criança eu sempre apreciei a natureza. Minhas horas mais felizes foram aquelas em que eu vivi ao ar livre.” Eu pensava assim: “Por que a gente escolhe uma profissão que nos obriga a ficar, a maioria do tempo, preso entre quatro paredes, em um escritório? Quero viver a natureza!”

Foi quando me tornei agricultor. Arrendei uma fazenda em Senigália, que fazia parte da província de Ancona. A minha bisavó materna era de Senigália, mas não usava esta palavra no seu sobrenome, pois apenas morou lá. Ela chama-se Padovani, que vem de Pádua. Comprei também um pouco de terra em nome do meu tio, irmão do meu pai, que era suficientemente rico. Eu apenas administrava tal propriedade. Essas terras ficavam próximas de Ancona, a 35 quilômetros desta cidade. Fui agricultor durante dez anos, de 1929 a 1939.

As terras eram produtivas. Plantávamos trigo, tabaco, linho e milho. Comercializávamos estes produtos, principalmente o trigo. Criávamos gado também, que era da raça “marchigiana”, nome emprestado da região italiana onde está Ancona: Marche (Marche ou Marcas). Somente hoje é que este tipo de gado começa a ser exportado para o Brasil. É um gado muito sensível e que necessita ser criado em estábulos, diferentemente do nosso gado, que aqui é criado solto. Na fazenda que arrendei existiam algumas casas bem velhas. Mas, eu não tinha condições de mandar construir novas, como arrendatário que era. O preço que eu pagava pelo arrendamento era muito alto. Havíamos passado pela crise econômica de 1929 e o preço do trigo havia caído muito. Por isso eu não podia fazer muita coisa com melhoramentos.

Em 1935, realizei uma viagem à Palestina, preparada pela *Organizzazione Sionista Italiana*. Durante essa viagem conheci várias pessoas importantes, como Enzo Sereni,

que era chefe de um *kibutz**.^A Conheci também Chaim Weitzmann^B na viagem de retorno que fiz pelo navio Espéria, via Alexandria, passando por Nápoles. Um dia, estávamos no convés passeando e Weitzmann pediu-me para entrar em contato com o prof. Dante Lattes, então dirigente do sionismo italiano, anunciando a sua chegada e pedindo que lhe fizesse reserva em um hotel. Depois paramos em Siracusa, onde fomos visitar o *Orecchio di Dionisio*, o “Ouvido de Dionísio”, onde se ouve um tipo de eco. Dizem que Dionísio tinha lá seus encarregados para ouvir alto a conversa.



Enzo Chaim Sereni (de óculos ao centro) com crianças no Itália, acompanhado de Pasquale Cerrone (entre Sereni e o oficial americano). Na bandeira do sionista o slogan “Ouve, ó Israel... o eterno e um”. Sereni tinha 39 anos quando morreu executado em Dachau em novembro de 1944, após ter sido capturado pelos alemães, alguns meses antes, em maio, na Toscana. Cat. 37720. Ghetto Fighters House Archives. Disponível em: <http://www.infocenters.co.il/gfh/notebook_ext.asp?book=103214&lang=eng&site=gfh>. Acesso em: 7 set. 2018.

A-Enzo Sereni pertencia a uma família romana de classe alta (seu pai era um dos médicos da Sabóia). Era judeu e socialista, e foi um dos primeiros sionistas italianos. Ele havia chegado à então Palestina em 1927, onde participara ativamente da fundação de um *kibutz**, o de Givat Brenner. Nos anos de 1930 e durante a guerra, ele trabalhou para salvar os judeus que estavam nos territórios ocupados pelos nazistas, tentando levá-los à segurança. Tinha 39 anos quando morreu em Dachau, em novembro de 1944. Ele havia sido capturado pelos alemães alguns meses antes, em maio, na Toscana, onde havia saltado de paraquedas para se juntar aos partidários.

B-Chaim Azriel Weizmann, químico, cientista e estadista, foi o primeiro presidente de Israel. Nasceu em Motal, Bielorrússia, e faleceu em 9 de novembro de 1952, em Rehovot, Israel. Nacionalista, planejava usar o sionismo como uma forma de combater a esquerda política. No dia 15 de maio de 1948, 24 horas depois da independência do Estado de Israel, David Ben Gurion declarou: “Vou mencionar apenas uma grande personalidade dentre as que ainda se encontram entre nós. Ninguém contribuiu tanto para as conquistas do movimento sionista quanto o Dr. Chaim Weizmann”.

Momentos de ruptura

Em 1937, casei-me com Augusta Terni Levi, nascida em Gênova, filha de Giuseppe Levi (engenheiro) e de Margherita Tedeschi. Giuseppe foi, durante vários anos, presidente da comunidade judaica de Gênova, uma comunidade com cerca de 4 mil pessoas. Era uma comunidade modesta, com uma velha sinagoga em um lugar feio, perto do porto. Depois foi construída uma nova. Margherita era *ashkenazi*. Tanto Giuseppe como Margherita Levi conseguiram refugiar-se no Brasil, como já havia feito também a irmã de Margherita e a mãe Ermínia Levi Beer.



Corriere della Sera anuncia as leis raciais impostas pelo fascismo italiano. Milano, 11 de novembro de 1938, p. 1. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Corriere_testata_1938.jpg>. Acesso em 8 set. 2018.

Vito Terni, meu pai, era presidente da Ordem dos Advogados de Ancona quando vieram as ordens determinadas pelas leis raciais, impostas pelo governo fascista de Mussolini em 1938, obrigando a demissão de todos os judeus que ocupavam cargos públicos. Ele já tinha idade quando, assim como os demais judeus, foi obrigado a renunciar à sua profissão.²

2 O *Manifesto da Raça* foi publicado pelo governo de Mussolini em 26 de julho de 1938 e assinado por importantes intelectuais fascistas, docentes nas universidades italianas que, sob a égide do Ministério da Cultura Popular, haviam redigido dez proposições que fixavam as bases do racismo fascista. O nono item estabelecia que “os judeus não pertenciam à raça italiana”. Em seguida, foi publicada a primeira lei antisemita em 5 de setembro de 1938 (nº 1390), que expulsava os judeus de todas escolas. O *Certificado da Raça*, aprovado entre 6 e 7 de outubro de 1938, esclarecia que: “a) é de raça judaica aquele nascido de pai e mãe judeus, ainda que pertença a uma religião diferente da religião judaica; b) é

CONSIGLIO E UFFICIO PROVINCIALE DELLE CORPORAZIONI
IMPERIA
CORSO DANTE ALIGHIERI, 24 - PALAZZO PROPRIO
TELEF. INTER. AUT. 70-68

Prof. N. *JK* Cat. Ris. _____
Risposta al foglio N. _____ Cat. _____ Imperia, li 27 DIC. 1938 Anno _____
del _____

OGGETTO: Dispensa dal servizio.

Sig.
Dr. Rodolfo T E M I N
Corso Garibaldi,
IMPERIA PON.

Il Ministero delle Corporazioni con lettera 19 corrente n.21680 ha comunicato che è stata disposta la Vostra dispensa dal servizio con effetto dal 1° gennaio p.v., a norma dell'art.20 del R.D.L. 17 novembre 1938 n.1728.


Nel portare quanto sopra a Vostra conoscenza Vi invito a presentare la domanda per la liquidazione del trattamento di quiescenza di cui all'art. 21 del citato R.D.L.

IL PREFETTO PRESIDENTE
(Degli Atti)
[Signature]

Ofício comunicando que o Dr. Rodolfo Temin, advogado, estava afastado das suas funções por ser judeu. Consiglio e Ufficio Provinciale delle Corporazioni. Imperia, 17 de dezembro de 1938. Doado por Anna Rosa Bigazzi. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

considerado de raça judaica aquele nascido de pais que sejam um de raça judaica e o outro de nacionalidade estrangeira; c) é considerado de raça judaica aquele nascido de mãe de raça judaica e de pai desconhecido; d) é considerado de raça judaica aquele que, mesmo nascido de pais de nacionalidade italiana, dos quais somente um de raça judaica, pertença à religião judaica, ou seja, ainda que esteja inscrito em uma comunidade israelita, ou que tenha feito, de qualquer outra maneira, manifestações de judaísmo; e) Não é considerado de raça judaica aquele nascido de pais de nacionalidade italiana, dos quais somente um de raça judaica, que, em 1° de outubro de 1938, pertencia à religião diferente da judaica”.

Na minha cidade, que era pequena e onde eu conhecia todos, a convivência ficou muito difícil. Nos últimos dias que fiquei na Itália, eu evitava passar nas ruas principais para não criar constrangimentos, considerando as imposições das leis raciais. Algumas pessoas (não judias) vieram depois me procurar no escritório para dizer da indignação em que se encontravam, revoltadas, mas sem poder me ajudar. Eu procurava confortá-las: “Compreendo muito bem a vossa situação. Não se preocupem! Não precisam me cumprimentar, caso me encontrem na rua. Isso pode prejudicá-las. Não me cumprimentem...!”



COMUNE DI **IMPERIA**

Denuncia di appartenenza alla razza ebraica

Oggi 27 del mese di Febbraio dell'anno 1939;
nell'Ufficio dello Stato Civile del Comune, il signor Dr. Rodolfo Temin
fu Cesare in ottemperanza
alle prescrizioni del R. Decreto legge 17 novembre 1938, n. 1728, ha denunciato la appartenenza alla
razza ebraica degli infra elencati componenti della sua famiglia (lui compreso) come appresso:

N. ord.	COGNOME E NOME	Rapporti familiari (1)	Stato Civile (2)	NASCITA		MATRIMONIO	
				luogo	data	luogo	data
1	Temin Dr. Rodolfo	Capo fam.	coniugato	Genova	21-9-901	Napol.	5-9-24
2	Bondi Prof. Anna	moglie	id.	Ancona	17-2-902	"	"
3	Temin Franco	figlio	id.	Genova	19-XI-35	—	—
4	Temin Ada	figlia	id.	id.	28-IX-37	—	—
5	Harnau Ada ved.	madre	vedova	Ferrara	1-X-1871	—	—
6	Bondi Davide	suocero	coniugato	Roma	29-7-1866	Ancona	25-3-90
7	Harnau Giulia in Bonds	suocera	id.	Ancona	27-9-1872	"	"

L'UFFICIALE DELLO STATO CIVILE
Inghilterra



Documento denunciando as famílias Temin, Bondi e Arnau de pertencerem à “raza ebraica”. Comune di Imperia, 27 de fevereiro de 1939. Doado por Anna Rosa Bigazzi. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

Isso porque era proibido cumprimentar os judeus na rua. Algumas pessoas chegaram a ser chamadas na polícia e advertidas: que não continuassem; que evitassem se aproximar dos judeus. Sentíamos que o povo italiano era injusto. A maioria seguiu as ordens e muitos jovens deixaram-se levar pela propaganda dos livros que liam. À medida que percebíamos que Mussolini se aproximava ideologicamente de Hitler, íamos entendendo tudo. E, quando foi feito o pacto Roma-Berlim, tudo ficou ainda mais claro. Sentíamos que, cada vez mais, pertencíamos à “razza ebraica” e, como tal, éramos denunciados, rebaixados por sermos judeus. Por isso fomos demitidos dos nossos empregos, dispensados simplesmente. Veja o que aconteceu com Rodolfo Temin, que depois veio também para o Brasil.^A

Forçados a emigrar

Em Bolonha, eu já havia percebido que muitos judeus alemães estavam ali foragidos das perseguições empreendidas pelos nacional-socialistas. Vendo suas dificuldades, pensei: “Vou-me embora!”. Tudo isso me preocupava, pois já estava casado com Augusta Levi e tínhamos uma filhinha, com apenas 9 meses de idade. Alguns achavam que eu era louco: “Imagine, ir para uma terra desconhecida com uma criança!”. Saí em busca de vistos para emigrar. É difícil imaginar quantos consulados visitei... foi amargo! Para onde ir? Eu tinha algumas possibilidades: Cuba (graças a Deus que eu não fui!), Estados Unidos (eu tinha dificuldades com o idioma) e Brasil (possível apenas com visto de turista). Consegui apenas os vistos para o Brasil por meio do consulado-geral do Brasil

A-Testemunho de Augusta Terno Levi a Anna Rosa Campagnano: “Quanto a mim, nasci em Gênova, filha de Giuseppe Levi e Margherita Tedeschi. Depois de casada, vivi em Ancona até o momento de deixar a Itália. Lembro que, nos últimos anos, os cidadãos italianos não podiam falar com os judeus na rua, pois isso poderia ocasionar sérios problemas. Além disso, não podiam ter a seu serviço pessoas “arianas”. Meu marido havia frequentado a Faculdade de Direito sem chegar a se formar, o que lhe impedia de exercer a profissão. Dedicou-se então à administração dos bens de sua família. Com o advento das leis raciais, esses bens foram sequestrados pelo governo fascista. Em consequência, e com o temor de que fossem tomadas medidas piores por parte do regime fascista, decidimos nos refugiar no Brasil, onde minha irmã, Ermínia Levi, já tinha emigrado com seu marido Umberto Beer. Este, militar de carreira, tinha sido Capo di Stato Maggiore em Trento e foi afastado do Exército italiano, também por motivos raciais”. (CAMPAGNANO; PETRAGNANI, 2007, p. 296-299).

em Gênova. Mesmo assim, precisei da interferência do pai de uma menina (naquela época), que havia estudado na mesma escola de minha esposa. Ele era amigo do cônsul brasileiro em Gênova, caso contrário, não teríamos conseguido. Essa nossa fuga foi amenizada pelo fato de que o capitão do navio era o pai de uma outra amiga e, assim, conseguimos passar para a primeira classe, com disponibilidade também de uma “cameriera” para a pequena Adriana.

Chegamos ao Brasil em 26 de julho de 1939 e fomos recebidos em Santos por Ermínia Beer e meu primo Mario Terni que, em Alcona, morava no mesmo prédio que nós. Mario havia fugido para o Brasil alguns meses antes. Mas nem todos tiveram a mesma sorte. Giulia Levi Sonnino, uma das irmãs de minha esposa, ficou na Itália e, em certo momento, para se salvar das perseguições, fugiu com o marido e três filhos pequenos para a Suíça, apesar das dificuldades para atravessar a fronteira. Giulia e seu marido foram, em seguida, internados em um campo de prisioneiros suíço e lá ficaram até o fim da guerra. Foi Giulia que insistiu com os pais Giuseppe e Margherita para virem para o Brasil. Augusta é que foi atrás de conseguir os vistos de permanência para seus pais, que exigiram o pagamento de muitas “despesas”. Isso porque, quando deixamos a Itália, pudemos levar conosco apenas duas mil liras por pessoa. Eles tiveram um imprevisto assim que aportaram no Rio de Janeiro: o navio Conte Grande ficou interdito no porto, por segurança, devido ao fato de que um submarino alemão havia afundado um navio brasileiro. Assim, os navios estrangeiros não tiveram a permissão de voltar ao país de origem e os passageiros foram obrigados a desembarcar no Rio de Janeiro.

Um detalhe interessante: o pai de Augusta era um ótimo desenhista e assinava os desenhos com o pseudônimo Givel (Levi, Giuseppe). Anos depois, a minha cunhada Ermínia Beer organizou, em S. Paulo, uma linda exposição com estes desenhos, com grande sucesso.

Até então eu nunca havia ouvido falar de Circulares Secretas, das quais tomei conhecimento muito tempo depois de haver chegado ao Brasil. Naquele momento, o desespero tratava apenas de uma coisa: sair. Recordo-me de que havia um funcionário no consulado brasileiro que era bem antipático. A cada dia requeria algum documento diferente, um mais difícil de conseguir que o outro. Era um tal de Hoffman, brasileiro, do qual não tenho boas lembranças. Ele seguia as regras do Itamaraty e se divertia criando dificuldades para todos os judeus. Dava-nos sempre uma desculpa: “O senhor agora deve demonstrar que possui bens, alguma coisa...!”

– Sim – eu respondia. Isso eu posso demonstrar, inclusive que tenho alguma coisa aqui! Mas, o senhor muito bem sabe que, legalmente, eu não posso transportar dinheiro para o Brasil.

Foi quando ele respondeu: “Então, o banco precisa garantir!”

– Por favor! Não me peça o impossível! O que o banco poderá informar, pois eu tenho lá uma conta corrente, é de quanto disponho, a minha família tem um certo nível econômico. Só que o banco não poderá garantir que eu vou levar este dinheiro para o Brasil, pois isto é proibido e o senhor sabe muito bem!

Então? Como fazemos? Depois deste meu desabafo, num outro momento, ele pediu uma prorrogação do prazo para liberar os nossos vistos. Foi quando eu lhe disse: “Nada disso! Sem prorrogações!”. Assim conseguimos embarcar para o Brasil, mas apenas uma parte da família, pois ali permaneceram meus pais, minha irmã e uma tia (irmã de mamãe).

A situação para eles foi ficando muito complicada: meu pai teve que fugir em certo momento; minha mãe e minha tia refugiaram-se nas casas dos camponeses e conseguiram documentos falsos, trocando os nomes por outros que começavam com a mesma consoante ou vogal. Meu pai, por exemplo, passou a chamar-se “Vicenzo”, em vez de Vito. Minha mãe, que era Élena, recebeu outro nome, mas ela sempre o esquecia, enganando-se. Mas os camponeses faziam de conta que nada percebiam. Evidentemente, imaginavam alguma coisa, mas nada comentavam.

Acolhidos pelos camponeses, meus pais procuravam ajudá-los: cuidavam das crianças, que acabaram se afeiçoando a eles. Tinham ali a simpatia de todos. Algumas pessoas têm sentimento de humanidade, outras não! Assim eles ficaram durante muito tempo, escondidos por estes camponeses itálicos, que lhes davam roupas e comida. Anos depois, quando meu pai retornou a Ancona, foi convidado pelo “sindicato” (prefeito) para ser membro do Conselho Consultor daquela cidade. Faleceu dois anos depois, em 1951. Como homenagem, seu funeral foi feito às expensas da prefeitura, passando pelas principais ruas de Ancona.

Além dos camponeses, o Vaticano também ajudou num certo momento. Em geral, nós judeus, nos dávamos muito bem com a maioria da população. Tínhamos muitos amigos cristãos, pois estávamos todos integrados na sociedade italiana. Inclusive, a sociedade italiana ficou indignada com o tratamento que o fascismo resolveu dar aos judeus. O Vaticano abriu as portas dos conventos para os refugiados, o que era muito perigoso. Tenho uns parentes que

procuraram refúgio nestes locais. E, numa certa noite, foram proibidos de entrar. Disseram-lhes o seguinte: “Não, hoje vocês não podem entrar porque temos notícias e não sabemos bem o que pode vir a acontecer.” Tiveram de procurar refúgio em outro lugar. Foi uma vida muito difícil. Temos uma prima, irmã de Claudio Milano (proprietário da Livraria Nobel), que ficou escondida durante quatorze dias nos Apeninos, próximo de Roma. A parte central da Itália esteve em perigo durante muito tempo. O clima era de tensão: de um lado os Aliados, tentando escalar os Apeninos, e, de outro, os alemães que, a meu ver, continuavam a perseguir judeus.

No sul da Itália havia um campo de concentração guardado por um grupo especial de segurança da polícia italiana – os carabinieri. Uma noite – assim me contaram – o comandante deste grupo avisou os prisioneiros que iriam deixar uma escada para aqueles que desejassem fugir. Avisaram: “Amanhã chegam os alemães... Se vocês quiserem... podem fugir!”. Um amigo nosso – alemão, que depois veio para o Brasil – fugiu desta forma, sendo depois salvo por camponeses, além de ser ajudado por outro chefe fascista, pessoa de sentimento.

O Brasil como destino

Inicialmente eu pensava em emigrar para a Palestina, pois havia ficado impressionado com o meu encontro com Chaim Weizmann naquele navio que me trouxera de volta daquela viagem que fiz, conforme já contei. Mas, agora eu já estava casado, com uma filha recém-nascida e as condições de vida estavam difíceis por lá. Pensei também em ir para os Estados Unidos, mas por não saber inglês, entendi que isso dificultaria ainda mais a nossa assimilação. No Brasil eu tinha meu cunhado Umberto Beer, que havia me precedido na emigração. Não recebi nenhuma ajuda dele, pois tínhamos temperamentos muito diferentes. Estimo-o muito! Ele era um militar condecorado com quatro medalhas como herói da Primeira Guerra Mundial.

Assim, embarcamos para o Brasil, partindo do porto de Gênova a bordo do navio Augustus que, anos depois, acabou sendo afundado durante a Segunda Guerra Mundial. Desembarcamos no porto de Santos em 26 de julho de 1939, quase um mês antes que o “suficientemente maldito Hitler”, de acordo com o “igualmente abjeto Stalin”, ordenasse a invasão da Polônia. A nossa família era formada por minha esposa Augusta Levi, então com 25 anos, minha filhinha Adriana, com apenas 1 ano, e eu com meus 35 anos, técnico

Vittorio Terni

em agricultura. Todos com passaportes que traziam a anotação de “israelitas”, com visto de turistas. Isso significava que deveríamos ter passagens de ida e volta. Alguns meses antes, Mario Terni, meu primo em primeiro grau do lado paterno, com 38 anos, havia emigrado com visto de católico, a bordo do navio Oceania. Fomos residir na Rua Pamplona n° 969, em S. Paulo.

Tínhamos aqui alguns poucos conhecidos com os quais entrei logo em contato. Em princípio, aproximei-me dos Francarolli, proprietários de um hotel em Santos e que me facilitaram a vida por aqui. Mas, para termos uma situação legal, pois estávamos com vistos

SECRETARIA DA SEGURANCA PUBLICA
- D. O. P. S. -
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS (Foto)
(Ficha-requerimento para visto de saída do país)
ESTRANGEIROS
SIM,
VISTO N.º 28188 Em 09 de 09 de 1972
PROCOLO
Sr. Dr. Delegado: (Delegado Titular)
Nome: VITORIO. TERNI
Nacionalidade Italiana País Italiana
Data e local do nascimento 22/06/1.904 Estado civil Casado
Pai Ivo Terni Mãe Elena Almagia
Profissão Técnico Agricultor Residência AL. Jau nº 1.817
R. Geral n.º 536.744 Registro n.º 52774
Carteira mod. 19 expedida pelo SRE de (local) São Paulo de 19.50 desejando viajar para (declarar os países) Italia
requer visto de saída em seu passaporte, satisfeitas as formalidades legais.
São Paulo, 15 de Setembro de 19.72
(Assinatura do requerente)

Ficha-requerimento em nome de Vittorio Terni para visto de saída do país. Delegacia Especializada de Estrangeiros. DOPS, S. Paulo, 15 de setembro de 1972.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

de turistas, levou muito tempo. No início, fomos morar em uma pensão que ficava na Brigadeiro Luiz Antonio esquina com a Rua 13 de Maio, um antigo palacete. E lá tinha um empregado japonês chamado Mori, que servia as mesas usando tamancos. Quando chegamos, tivemos problemas com a língua: tomamos algumas aulas de português. Eu tomei 12 lições com uma professora de escola para crianças, mas depois parei. Um dia eu lhe disse:

– Eu estudei a gramática em italiano, em latim, em grego, em alemão, em francês e agora estou estudando em português. Não preciso tanto de gramática! Preciso que a senhora me ensine falar um pouco, a me expressar.

Ficamos nessa pensão apenas um mês e depois fomos morar em uma casa pequenina – parecia “casa de boneca” – na Rua Marília. Tudo pequenino, mas não faltava nada. Em S. Paulo, fui trabalhar na Fábrica de Lajes Prel, fundada pelo engenheiro Faust Finzi, meu grande amigo, juntamente com o Dr. Claudio Beviláqua, brasileiro. Faust Finzi havia sido engenheiro-chefe da municipalidade de Veneza e emigrado para o Brasil em 5 de abril de 1939. Chegaram ao Brasil, a bordo do navio Conte Grande, os seguintes membros da família Finzi: Faust (engenheiro, 60 anos), Antonia (estudante, 20 anos), Gina (estudante, 21 anos), Luciana (estudante, 11 anos) e Fidelio (musicista, 52 anos).

Assim que chegamos em S. Paulo fizemos contato com as comunidades dos judeus *sefaradis* e com os judeus *askenazitas*, alemães. Lembro-me de que, no início, frequentávamos a sinagoga da Rua Brigadeiro Galvão. Os sefaradis frequentavam mais a Sinagoga da Abolição. Era um nível um pouco levantino demais, não era um estilo sefaradi. Era mais perto do estilo italiano. Lembro-me de que os irmãos Levi também frequentavam, no início, a Sinagoga da Abolição. E a Adriana, minha filha, quando fez a *Bat- Mitzvá**, foi na Abolição. E aí fomos indo cada vez menos. E, um belo dia, percebi que valia muito pouco os lugares que eu havia comprado e deixei tudo para eles.

A Congregação Israelita Paulista (CIP), nesta época, ainda apenas estava começando e o rabino Fritz Pinkuss^A foi, neste

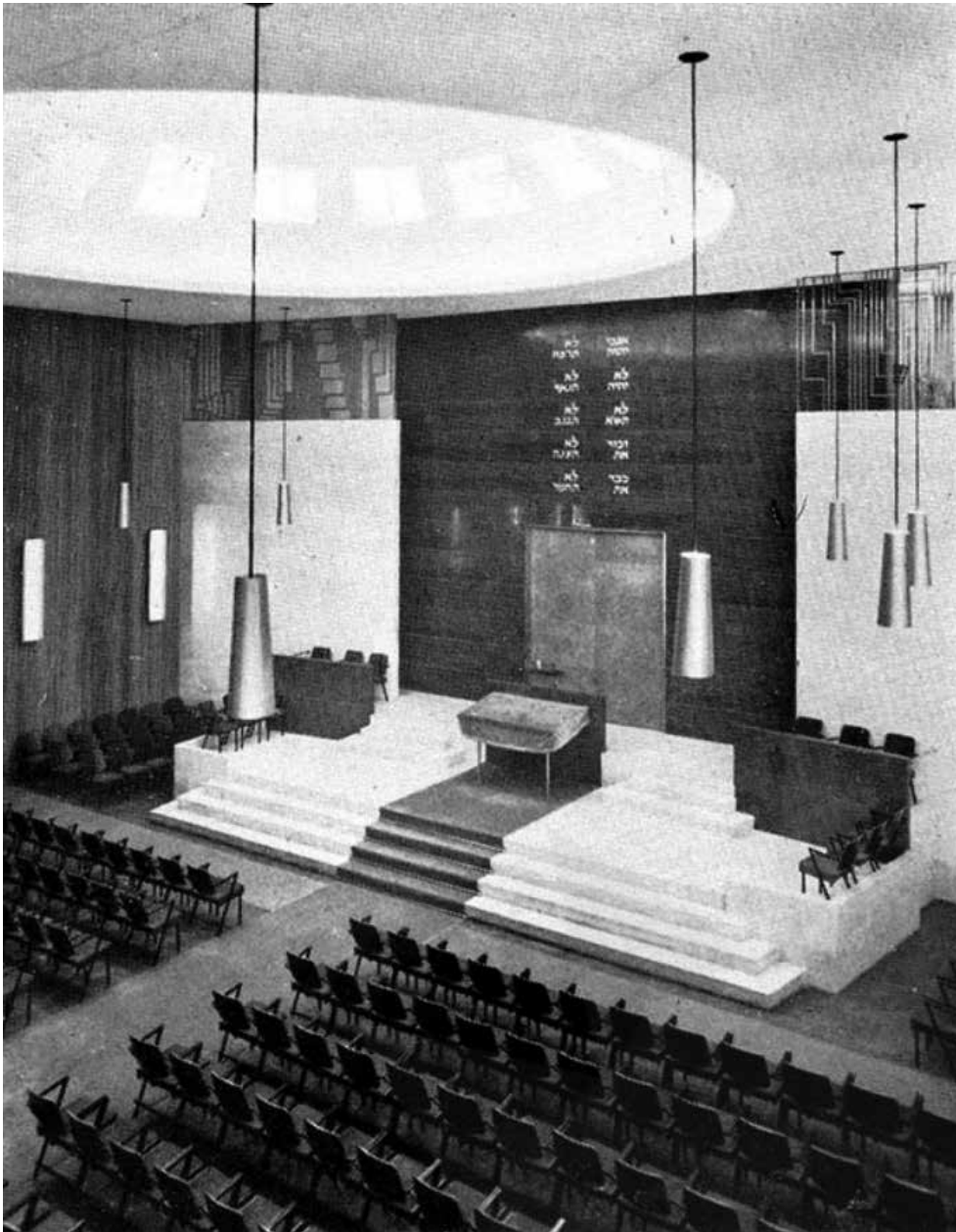
A-Fritz Pinkuss (1905-1994) incluiu-se entre um dos mais importantes refugiados do nazismo radicados no Brasil na década de 1930. Nasceu em Egel (Alemanha). Chegou em S. Paulo em maio de 1936. Formou-se no colégio de Magdeburg e frequentou as universidades de Breslau, Würzburg e Berlim. Formou-se rabino pelo Seminário Rabínico de Breslau e pela Academia para as Ciências do Judaísmo de Berlim. Entre 1930 e 1936, atuou como rabino do distrito de Heidelberg e, em 1936, refugiou-se no Brasil, radicando-se definitivamente em S. Paulo. Participou da fundação da Congregação Israelita Paulista (CIP), onde atuou como rabino entre 1936 e 1955. Foi titular da cadeira de Hebraico do Departamento de Linguística e Estudos Orientais e cofundador do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de S. Paulo.

sentido, uma pessoa formidável. Criou a CIP do nada, do zero. Além de acolher os judeus refugiados do nazismo, também recebeu os italianos, dando uma lição de respeito e liberalismo. Também participava da Casa da Juventude o casal Speyer, também judeus alemães, que dedicou sua vida ao ensino da religião e à formação dos filhos dos imigrantes. Outro dado importante: o projeto de iluminação da sinagoga foi assinado pelo jovem Lívio Levi, que aqui chegou como estudante e solteiro com seus pais em janeiro de 1939.^A Foi na CIP que soubemos da revolta no gueto de Varsóvia e de todas as atrocidades praticadas pelos nazistas; e lá foi organizada uma cerimônia para as vítimas do Holocausto e, depois, várias outras. Lembro-me de que nós estávamos lá, em recolhimento, quando algumas pessoas começaram a soluçar.



Casal Fritz e Lotte Pinkuss, idealizadores da CIP que, como congregação, abriu suas portas aos judeus alemães e italianos refugiados das perseguições antissemitas empreendidas por Hitler e Mussolini. S. Paulo, década de 1950. Acervo: AHJB/SP; Arqshoah/Leer-USP.

^A-Lívio Edmondo Levi nasceu em Trieste em 19 de março de 1933 e morreu prematuramente, no Rio de Janeiro, em 1º de agosto de 1973. Era filho do economista Carlos Alberto Levi e de Adele Nora Morpurgo, família tradicional da comunidade judaica de Trieste, e irmão de Marília e Paolo Levi. Seu pai, Carlos Alberto, era um dos cinco filhos de Girolamo Levi e Elvira Levi: Mario Elio, Ema Mayer, Giuditta (Ita) Brunner, Vittorio Levi e Giuseppe Levi. Estudou arquitetura na Universidade Mackenzie, formando-se em 1956. Nesse mesmo ano naturalizou-se brasileiro e casou-se com Ita Seinfeld, com quem teve três filhos. Posteriormente, fez cursos de pós-graduação na Escola de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de S. Paulo, filiou-se ao Instituto Brasileiro de Arquitetos (IAB) e foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Desenhistas Industriais (ABDI).



Acrópole da sinagoga da CIP, espaço de liberdade e de acolhimento aos judeus refugiados do nazifascismo. O projeto de iluminação é do italiano Livio Edmondo Levi. Fonte: Revista *Acrópole*, 1956.

A Fábrica de Lajes Prel, em 1945, adquiriu uma fábrica de cerâmicas em Jundiaí, passando, então, a chamar-se Cerâmica Prel S/A, com escritório-sede em S. Paulo. Trabalhou conosco na Cerâmica Prel, o prof. engenheiro Armando Foá, que veio a ser professor de mecânica racional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e depois da Escola de Engenharia Mackenzie, em S. Paulo. Armando Foà havia desembarcado no Brasil com 25 anos de

Vittorio Terni

idade, tendo viajado no navio Highland Monarch, em 11 de abril de 1939. Os demais membros da família Foà chegaram em 19 de abril de 1939, no navio Oceania, dentre os quais estavam Eloisa Errera Foà, 47 anos, acompanhada de sua filha Ornella Foà, 20 anos, e Carlo Foà, professor, 59 anos. Uma informação importante: Carlo, Eloisa e Ornella Foà ingressaram no Brasil como católicos. Armando Foà foi enterrado em 18 de novembro de 1957 no Cemitério Israelita do Butantã.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODÉLO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pôrto de destino


Nome por extenso Foà Armando
Admitido em território nacional em caráter Permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 24 letra do dec. n. 3.010 de 1938
Lugar e data de nascimento Italiana 9. 2. 1912.
Nacionalidade Italiana Estado civil Solteiro
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Foà Lamberto - Sereno Sofia
Profissão Engenharia
Residência no país de origem Via Giuseppe Fiorelli 14, Napolés (Italia)
NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 812511 expedido pelas autoridades de R. Questura, Reg. 5034 na data 23. 9. 38 de Napolés
visado sob n. 345 16 MARÇO 1939

ASSINATURA DO PORTADOR:
Armando Foà

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Consulado Geral do Brasil em Londres
16 de MARÇO de 1939
O CONSUL: *Alfred von Pawson*
VICE-CONSUL

Ficha consular de qualificação de Armando Foà com visto concedido pelo consulado-geral do Brasil em Londres, 16 de março de 1939.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Fomos os primeiros a introduzir este tipo de laje pré-moldada, agora muito comum aqui em S. Paulo. Estas lajes eram fabricadas com o mesmo ferro com que se faziam as vigas para construção. Lajes Prel queria dizer: prática, resistente, econômica e leve = P. R. E. L. Hoje foi inventado um novo tipo, pois as Lajes Prel não existem mais. Um dos nossos funcionários, formado em engenharia, passou a fabricar suas próprias lajes e hoje é proprietário das Lajes Rex. Depois, fizemos um loteamento chamado Vila Prel, próximo da estrada que vai para Itapeperica da Serra, logo depois da Vila das Belezas.

Repressão no governo Vargas

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, o clima para os italianos radicados no país ficou cada vez mais difícil. Por causa da censura implantada pelo governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945), deveríamos anotar o idioma no envelope das cartas enviadas pelo correio. Isso era para facilitar o censor do Departamento Estadual da Ordem Política, o DEOPS/SP. Lembro-me de que eu havia escrito em inglês num envelope “*Written in Italian*” e o funcionário, mero cumpridor de ordens, não aceitou. Tive que lhe explicar que a carta ia para a Suíça, onde o italiano é uma das três línguas oficiais do país. Finalmente convenceu-se.

Houve tempos em que fiquei um ano sem notícias dos meus pais. Algumas cartas chegavam até mim através da Cruz Vermelha e outras via Vaticano. Com apenas um “*Tudo bem!*”. Isso já era o suficiente, pois não podíamos entrar em detalhes, colocando em risco a vida dos nossos familiares que ainda permaneciam sob os olhos dos nazifascistas. Aqui em S. Paulo havia um monsenhor da Igreja católica, cujo nome não me recordo, que nos auxiliava muito.

Getúlio Vargas era muito antissemita. Posso contar um caso que aconteceu com um amigo nosso, rapaz com seus 20 ou 21 anos, com parentes em Buenos Aires. Ele e seus pais haviam sido batizados com a ajuda do Vaticano, pois eram judeus. Pretendiam emigrar para o Brasil. Soube, conforme relato desse meu amigo, que o Itamaraty avisou a Polícia Marítima: “Não podem desembarcar o judeu protegido pelo Vaticano”. E esse coitado não conseguiu desembarcar. Acho que acabou indo para uma ilha pertencente à Holanda, onde contraiu uma doença, vindo a falecer. Era filho único. Seus pais ficaram na Itália. Isso foi uma desumanidade, pois ele vinha com recursos próprios, como tantos outros judeus refugiados.

Getúlio Vargas foi mesmo um “pinta-brava”. Veja só o tratamento que ele dispensou a Olga Benário³, esposa de Luis Carlos Prestes, porque ela era comunista e judia. Sei que

³ Olga Benário Prestes nasceu em Munique (Alemanha) em 1908, numa família judia de classe média. Tornou-se membro do Partido Comunista alemão em 1926, ficando-se conhecida como uma revolucionária. Após ser acusada de atividades subversivas, foi presa em 1929. Depois da sua libertação, foi para a União Soviética, onde atuou na Internacional Comunista. Ali conheceu Luís Carlos Prestes, então líder do Partido Comunista no Brasil. Olga passou

na Europa, e especialmente na Alemanha e Rússia, havia muitos judeus comunistas. Mas, já eram judeus cansados de apanhar como judeus ao longo de suas vidas. Pensavam que o comunismo fosse a salvação para todos. Em 1940, este problema já não se sentia tanto. A “caça” aos comunistas no Brasil foi mais radical entre 1935 e 1937, logo após o Levante Comunista liderado por Prestes.

Reconheço que Getulio Vargas, apesar destes fatos negativos, foi um grande estadista, inteligente. Aprecio que ele tenha vindo até a inaugurar a Avenida 9 de Julho que, afinal, leva o nome de uma revolução que foi contra ele. Esta foi uma atitude política e político ele sabia ser com muita classe.

Neste meio tempo, eu tentava conseguir os vistos para os meus sogros Giuseppe Levi e Margherita Tedeschi Levi, pais de Augusta Levi (minha esposa). Felizmente, eles conseguiram fugir a tempo. O visto foi obtido por intermédio da minha cunhada, que me levou até o Rio de Janeiro, dando-me todas as instruções de como fazer para conseguir as autorizações. E sabem como conseguimos? Pagando? Não! Minha cunhada, além de inteligente, era muito bonita. E sabemos que a beleza feminina serve para alguma coisa! Além do mais, os brasileiros são muito sensíveis à beleza italiana. Já no caso dos vistos para meus pais, tivemos que pagar por fora, para um funcionário do Itamaraty.

Assim, Giuseppe e Margherita embarcaram no navio Conte Grande, que realizava sua última viagem para o Brasil. Este navio chegou no porto de Santos em 7 de junho de 1940 e, de lá, não conseguiu mais sair. Para os meus sogros, esta foi a última possibilidade que tiveram para deixar a Itália. Graças a Deus! Passaram aqui no Brasil todo o tempo da guerra, retornando depois. Eles eram de Gênova, de cuja cidade inúmeros judeus foram

a integrar o grupo de estrangeiros destacados para acompanhar Prestes em seu retorno ao Brasil, que tinha o objetivo de implementar uma insurreição armada e instalar um governo revolucionário. Olga e Prestes chegaram ao Brasil em abril de 1935, vivendo na clandestinidade. Prestes chamou a atenção dos órgãos de repressão do governo ao ser aclamado nas manifestações populares promovidas pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente antifascista que reunia diversos setores de esquerda, entre eles os comunistas. Em novembro de 1935, um levante armado aconteceu na cidade de Natal, sendo estendido para o resto do país, mas acabou frustrado. Em março de 1936, foram capturados pela polícia. Mesmo grávida, Olga foi deportada para a Alemanha nazista seis meses depois, entregue à Gestapo e enviada para um campo de concentração, onde deu à luz Anita Leocádia Prestes. Após campanha internacional por sua libertação, Anita foi entregue à sua avó paterna. Olga Benário continuou presa e, em 1942, foi executada na câmara de gás pelos nazistas. No site Arqshoah, consultar testemunho de Anita Leocádia Prestes.

Vozes do Holocausto

MODÉLO S. C. 139

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórto de destino

Nome por extenso Giuseppe Levi

Admitido em território nacional em caráter permanente
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 24º letra --- do dec N. 3.010, de 1938

Lugar e data de nascimento Padova, em 27 / 10 / 1879.

Nacionalidade italiana Estado civil casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Sabato Augusto Levi e
Giulia Cuzzi Profissão engenheiro

Residência no país de origem Via Cesare Cabella 26 - Genova

NOME	IDADE	SEXO
-----	-----	-----
-----	-----	-----

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 347672 expedido pelas autoridades de Polícia de Genova - Italia na data 23-Julho-1934. visado sob n. S/N.

ASSINATURA DO PORTADOR
Giuseppe Levi

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original



SÊL
CON

Consulado Geral do Brasil em Genova.
13 de Maio de 1940.
O CONSUL: Geral
Carlos Gil de Faria

MODÉLO S. C. 139

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórto de destino

Nome por extenso Margherita Tedeschi Levi

Admitido em território nacional em caráter permanente
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 24º letra --- do dec N. 3.010, de 1938

Lugar e data de nascimento Vincenza, em 19 / 6 / 1884.

Nacionalidade italiana Estado civil casada

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Graziadio Tedeschi e
Emilia Padoa Profissão caseira

Residência no país de origem Via Cesare Cabella 26 - Genova

NOME	IDADE	SEXO
-----	-----	-----
-----	-----	-----

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 347935 expedido pelas autoridades de Polícia de Genova - Italia na data 8-Agosto-1934. visado sob n. S/N.

ASSINATURA DO PORTADOR
Margherita Tedeschi Levi

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original



SÊL
CON

Consulado Geral do Brasil em Genova.
13 de Maio de 1940.
O CONSUL: Geral
Carlos Gil de Faria

Fichas consulares de Giuseppe Levi e Margherita Tedeschi Levi emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Gênova, 13 de maio de 1940. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

deportados para os campos de concentração na Alemanha. Imaginem quantos destes não conseguiram ser salvos por não terem um refúgio.

O círculo dos judeus refugiados no Brasil

Em função da política imigratória adotada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, muitos judeus italianos tiveram que se batizar católicos para conseguir o visto de entrada no país. Dentre os judeus italianos que, por motivos raciais, buscaram refúgio no Brasil, posso citar nomes bastante representativos: o prof. Carlos Foà,^A docente de fisiologia na Universidade de Milano, judeu batizado católico, mas – de acordo com as leis raciais promulgadas por Mussolini – foi considerado judeu. Carlo Foà chegou no Brasil a bordo do navio Oceania, em 19 de abril de 1939, junto com os demais membros da família. Armando veio em separado, alguns dias de diferença. Uma curiosidade: os Foà vêm de uma antiga família judia italiana de Sabbioneta, cidade onde Tobia Foà abriu uma tipografia dedicada a imprimir textos em hebraico entre 1553 e 1563. Tobia Foà costuma ser citado como um dos judeus mais ricos e cultos de Sabbioneta e, por suas magníficas edições, recebeu importantes títulos honoríficos.

Outra celebridade: Tullio Ascarelli,^B aluno predileto de Cesare Vivante, docente de direito comercial na Universidade de Roma. Ascarelli morou muitos anos no Brasil, vindo a falecer em 1960. A este grupo pertencia também o médico e professor Dr. Mário Arton, dermatologista primário no Hospital de Verona, e que veio para o Brasil no navio

A-Carlo Foà nasceu em Modena, em 21 de julho de 1880, filho do ilustre anatomista Pio Foà. Em 1903, Carlo Foà formou-se em medicina na Universidade de Turim, onde foi aluno do histologista Giulio Bizzozero e do fisiologista Angelo Mosso, com quem veio a trabalhar, anos depois. Estudou também na Sorbonne, sob a orientação de Alberto Dastre e, mais tarde, em Leipzig, com Wilhelm Ostwald. Retornando a Turim, entrou para a Maçonaria em 1912, vindo a tornar-se Mestre Maçom em 17 de novembro de 1913. No ano seguinte, foi nomeado professor de fisiologia na Universidade de Messina e depois na Universidade de Parma (1918), Pádua (1922) e Milão (1924). Dentre os prêmios que recebeu cito: Prêmio Aldini (1911) e o *Prêmio Elia von Cyon* (1929). Em 1935, atuou como diretor da revista científica *Knowing*. Por ser judeu, Carlo Foà foi forçado a deixar a Itália por imposição das leis raciais italianas promulgadas em 1938. Refugiou-se em S. Paulo, onde lecionou patologia na Universidade de S. Paulo. Seu filho, Piero Foà (1911-2005), também médico, foi para os Estados Unidos, onde atuou no Sinai Hospital, em Detroit, e como professor na Wayne State University. Em 1945, Carlo Foà voltou à Itália, sendo reconduzido ao antigo cargo de professor de Fisiologia Humana em Milão e reintegrado à *Accademia Nazionale dei Lincei* em Roma. No entanto, em 4 de janeiro de 1946, foi deposto pela Comissão purga, liderada por Benedetto Croce, juntamente com outros dois grandes cientistas israelitas, os fisiologistas Mario Camis e Tullio Terni. Carlo Foà retomou suas atividades de ensino e pesquisa em Milão nos anos de 1950 e 1960 como presidente nacional da Sociedade Italiana de Biologia Experimental (1950-1953) e presidente da Lombarda Academia Médica (1956-1962), onde mais tarde tornou-se presidente honorário. Faleceu em Milão em 12 de setembro de 1971.

B-Tullio Ascarelli: Nasceu em Roma em 6 de Outubro 1903. Formou-se em direito em 1923, dedicou-se ao estudo do direito empresarial, nas Universidades de Ferrara, Catania, Parma, Pádua, Bolonha e Roma. Durante o fascismo participou do grupo reunido em torno do jornal clandestino *Not Giving Up*, e então o movimento de “Justiça e Liberdade”. Após o colapso do fascismo, ingressou na Unidade Popular e



Tullio Ascarelli, s.d. Fotógrafo: AA.VV. Reproduzido da obra *Studi in memoria di Tullio Ascarelli*, Roma: Collana Pubblicazioni della Facoltà di Giurisprudenza dell'Università di Roma, Editore Giuffrè, 1969. Disponível em: <<http://www.giovannipascuzzi.it/index.php/blog/311-tullio-ascarelli-i-competenti>>. Acesso em: 8 set. 2018.

no Partido Socialista Italiano. Em 1938 foi expulso de seus cargos e forçado a deixar a Itália devido a perseguição racial. Fugiu para a Inglaterra, depois para a França e, no momento da invasão alemã, se mudou para o Brasil, fixando residência em S. Paulo, onde assumiu o ensino do direito empresarial. No Brasil colaborou com o governo para reformas legislativas importantes e questões fiscais. Voltou para a Itália em 1947, retomando o ensino universitário ao assumir a presidência do direito comercial, em Bolonha. Em 1953 foi nomeado pela Universidade de Roma, onde ocupou o departamento de direito industrial e de direito comercial. Tullio morreu em Roma em 20 de Novembro de 1959.

Augustus, com 42 anos, acompanhado de sua esposa Mariuccia Colombo Arton, naquela época com 34 anos, ambos israelitas. O Dr. Arton deixou importantes estudos sobre a terapia da sífilis, uma das suas especialidades.

Inclusive Francisco Matarazzo Junior, o conde “Chiquinho”, que sucedera o pai na direção do maior complexo industrial da América Latina. Pois é, e ele deu emprego para vários destes refugiados italianos. Só que, se



Umberto Beer e a esposa, Ermina Beer. S. Paulo, 1959. Fotografia não identificado.
Acervo: Beer/SP; Arqshoah/Leer-USP.

alguma coisa não ia bem, demitia. Era um déspota! Muitos judeus italianos que vieram para o Brasil nos anos de 1930 e 1940 foram trabalhar como técnicos na Indústrias Matarazzo, que tinha muito poder junto aos políticos, mas ela não os tratou bem. Alguns foram contratados para a trabalhar na fazenda Amália (SP) como Giorgio e Maria Schreiber e Renato Levi. Ouvi falar que na Fazenda Amália trabalhava um tal de Castelli, judeu batizado católico, engenheiro e muito inteligente. Conseguiu planejar a irrigação de grande parte da fazenda que, até então, não era irrigada. Naquela época, Fernando Costa – então Interventor em S. Paulo – foi convidado para uma festa oferecida pelo Matarazzo às 17 horas. Assim que chegou, ficou um pouco e foi embora, sendo demitido no dia seguinte.

Havia outro judeu italiano, Rusio Bruni, que se tornou um dos homens próximos do Matarazzo, inclusive como seu procurador. Trabalhou também junto aos Matarazzo, Claudio Milano, seu primo, que veio na mesma época que eu. Natural de Ancona, esteve por uns tempos na fazenda Amália, onde implementou plantações de tomate, assunto que conhecia bem, pois havia cursado na Itália uma escola média de agronomia. Mais tarde, Claudio Milano comprou uma loja na Rua da Consolação e teve a brilhante ideia de imprimir apostilas para vestibulandos. Por volta de 1943 comprou a Nobel, naquela época uma livraria muito modesta. Pediu a alguns amigos, dentre os quais eu, dez mil cruzeiros (mais ou menos) emprestados e a partir daí ele conseguiu comprar as cotas dos demais sócios. Eram pagos com o dinheiro devolvido do empréstimo e assim Claudio se lançou como livreiro e editor.

Rosetta Forti Milano,^A esposa de Claudio, também ajudava na livraria e a filha, Carla Milano Benclowicz (que havia estudado arte e arquitetura), dedicou-se à publicação de livros de arte. Era uma pessoa de muito gosto e cultura, e deu-se muito bem neste meio editorial. Desde 1991, Sérgio Benclowicz (filho de Carla e neto de Claudio Milano), formado em administração, transformou a Nobel em uma rede de livrarias na *Franchising Venture*.

Lembro também o nome do casal Salmoni: Anita e Renato. Anita Cevidalli Salmoni era formada em Letras e Filosofia pela Universidade de Pádua (Itália) e tinha 24 anos quando desembarcou em Santos, em 5 de fevereiro de 1939. Veio no navio Conte Grande, acompanhada do seu marido Renato Salmoni, professor livre-docente daquela mesma universidade. Ambos portavam vistos de turistas. Renato tornou-se professor da Faculdade de Engenharia da Escola Mackenzie e da Universidade de S. Paulo e ganhou, por concurso, a cátedra de Materiais de Construção na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de S. Paulo. Anita, por sua vez, ensinou durante doze anos na Faculdade de Letras Modernas da Universidade de S. Paulo, nos cursos de pós-graduação. Escreveu vários livros, dentre os quais *Você Voltaria?*, suas memórias.

Outros nomes deste mesmo círculo de italianos refugiados: o advogado Enrico Rinini e Marcello Frisoni que, anos depois, conseguiriam a representação da Walt Disney em S. Paulo. O escritório ficava na Rua Conselheiro Crispiniano nº 404, no centro da cidade. Ao grupo somou-se um terceiro sócio: Renzo Massaroni, cunhado de Rinini, que passou a cuidar dos negócios no Rio de Janeiro. Interessante é que

A-Rosetta Forti Milano chegou ao Brasil junto com seu marido Claudio Milano. Era filha de Arturo e Pia Forti. Claudio Milano, por sua vez, era filho de Enrico Milano (1876-1943) e Clara Sabato Almagia (1882-1939). Rosetta faleceu em 4 de novembro de 1989 e Claudio em 7 de agosto de 1977, ambos enterrados no Cemitério Israelita do Butantã.

esta história que irá se cruzar com a criação da Editora Abril, por Cesar e seu irmão Victor Civita, que haviam deixado a Itália, pelas mesmas razões raciais, em dezembro de 1938. Sei que Cesar foi primeiro para Buenos Aires (Argentina) onde fundou, em 1941 se não me engano, uma editora com Alberto Levi e Paolo Terni, também judeus refugiados em Buenos Aires.^A

Lembro ainda o engenheiro Hugo Trakental, engenheiro, trabalhou vários anos na Fazenda Morganti, em Araraquara (SP), e depois em importantes construtoras, dentre as quais a Dácio de Moraes. Cito também Enrico Castelnuovo, de Roma, casado com Rosa, que chegaram aqui como católicos, assim como vários outros da mesma família.^B Temos também os irmãos Vittorio e Oscar Camerini, de Milão, que na Itália trabalhavam em fazendas.^C Chegaram também, em 1939,

A-Sobre a trajetória dos irmãos Civita e a Editora Abril ver: MARANHÃO, Carlos. Roberto Civita: o dono da banca. A vida e as ideias do editor da Veja e da Abril. S. Paulo: Companhia das Letras, 2016.

B-A família Castelnuovo desembarcou no Rio de Janeiro em grupos distintos e em diferentes datas, fugindo das perseguições raciais na Itália: em 23 de maio de 1939 a bordo do navio Conte Grande, na condição de israelitas, chegaram Guido, estudante, com 21 anos, e Fabio, estudante, com 26 anos, ambos com vistos emitidos em Roma. Em 30 de janeiro de 1940, no navio Neptunia, chegaram o comerciante Enrico, com 60 anos, e Rosa, com 53 anos, ambos como católicos. Enrico faleceu em 1946 e está enterrado no Cemitério da Vila Mariana, em S. Paulo. Em 21 de fevereiro de 1940, desembarcaram Bruno Castelnuovo, comerciante, com 31 anos, e sua esposa Luisa Campagnano, com 21 anos, ambos como católicos.

C-A família Camerini entrou no Brasil como refugiados italianos em duas levas distintas. A bordo do navio Augustus vieram: Gino Camerini, comerciante, 41 anos, que desembarcou no Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1939; e para S. Paulo vieram, neste mesmo navio, em 27 de janeiro de 1939: Oscar, comerciante, 39 anos, e sua esposa Lívia Dal Seno, 36 anos, acompanhados dos filhos Ugo, 13 anos, Enrico, 12 anos e Noemi, com apenas 1 ano; e Gino, comerciante, 41 anos. A segunda leva chegou a bordo do navio Conte Grande, em 23 de fevereiro de 1939: Gemma Coen, 37 anos, e os filhos Elena, 7 anos, Sílvia, 14 anos; Oscar, comerciante, 39 anos, e Vittorio, 43 anos. Vários deles têm as suas histórias de vida registradas pelo Arqshoah/Leer-USP.

os comerciantes de pimenta e café Romolo Bondi, Peppino Anau e Rodolfo Temin, todos como falsos católicos.^A

A família Tagliacozzo^B também veio nesta época, dentre os quais estava o prof. Sergio, que se tornou diretor de vendas das firmas Brasital e Cotonificio Crespi, e depois diretor-presidente da Ello, produtora de material para a indústria automobilística.^C Tem também Umberto Beer, coronel do Estado Maior, condecorado com quatro medalhas de prata por serviços prestados na Primeira Guerra Mundial. Beer, que é também meu cunhado, trabalhou alguns meses no Banco Ítalo-Francês para a América do Sul, cujo diretor era Raffaele Meyer.

Nossas vozes de protesto

Vivíamos indignados com tudo que havia acontecido com nossas famílias na Itália. Lembro aqui que, em março de 1950, os refugiados italianos radicados no Brasil se manifestaram no jornal *Tribuna Libera* por ocasião da visita de Nicola Pende em S. Paulo. Neste protesto, assinaram todos os representantes daqueles que haviam sofrido com o ódio racial que forçou a nossa fuga da Itália. Nunca esqueceremos, pois foi uma lição de vida para todos nós, e ainda é.

A-Em 8 de dezembro de 1939, desembarcaram no porto de Santos, como católicos, a professora Anna Bondi Temin e seus filhos Franco, com 4 anos, e Ada; o casal David Bondi, 73 anos, e Giulia Anau Bondi, 66 anos. Vieram a bordo do navio Neptunia, com vistos emitidos pelo consulado do Brasil em Trieste. Rodolfo faleceu em S. Paulo, em 12 de julho de 1980 e foi enterrado no Cemitério do Butantã; e Anna Bondi Temin faleceu em 12 de julho de 1988, sendo enterrada no mesmo cemitério.

B-Da família Tagliacozzo refugiaram-se no Brasil, vindos a bordo do navio Conte Grande, em 11 de janeiro de 1939: Carlo, 29 anos; Ugo, 54 anos, diretor da Pirelli, como israelita; Nella Muggia, 37 anos, e suas filhas Maria Paola, 11 anos, e Gabriella, como israelita. Consta também Carlo, mas sem outros dados. Do navio Neptunia, desembarcaram em 14 de outubro de 1939: Sergio, 29 anos, e sua esposa Laura Del Monte Tagliacozzo, 30 anos, e seus filhos Adriana, 3 anos, e Giovanna, 6 anos, todos como católicos.

C-Sergio Tagliacozzo participou da criação do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro (ICIB) de S. Paulo, fundado em 20 de novembro de 1945 por um renomado grupo de brasileiros, dentre os quais Jorge Americano, Sérgio Milliet, Lívio Xavier, João Batista Pereira de Almeida e Francisco Matarazzo Sobrinho. Dentre os italianos, a maioria fascistas e judeus, estavam: Piccarolo, Battendieri, Cirenza, Levi, Ascarelli, Riccardi, Tagliacozzo, Picciotti, dentre outros. Instalaram-se inicialmente na sede do *Comitato di Soccorso alle Vittime di Guerre*, transferindo em 1951 para sede própria na Rua 7 de Abril, no centro de S. Paulo.



Famílias Tagliacozzo, Ascarelli e Del Monte.
S. Paulo, 1939. Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

Uma vida dividida

Durante estes primeiros anos que passei no Brasil, fiquei com meus olhos na Itália, onde estava minha família, que havia ficado por lá. Tentei trazê-los para cá: meus pais, minha irmã e uma tia (irmã de papai). Minha mãe estava em dúvida se deveria vir ou não, por causa da minha irmã. Finalmente, depois de muitas “idas e vindas”, consegui os vistos por meio de um despachante; pagando, naturalmente. Mas, foi-lhes comunicado tarde demais...! A Itália já havia entrado na guerra.

Por outro lado, eu também estava tentando transformar o meu visto de turista em permanente. Este processo levou anos, o que era muito desagradável, pois na condição de turista não podíamos trabalhar. Os italianos são muito observantes das leis e, como tais, respeitávamos as leis brasileiras. Tínhamos notícias de que a policia havia ido a certos lugares à procura de pessoas que trabalhavam sem ter os papéis legalizados. Havia “jeitos” de se conseguir facilmente a referida documentação, mas sou contrário a tudo isso. Para este processo de transformação do visto de turista em permanente, deveríamos pagar um selo de mil cruzeiros (insignificante), que estava à venda no correio das 12 às 13 horas. Paguei o selo, só que depois não encontraram mais a minha documentação. No final, tive

EL A San Paulo, Mercoledì, 17 Maggio 1950

TRIBUNA LIBERA

POR OCASIÃO DA PRESENÇA DE NICOLA PENDE

principal signatario do manifesto antisemita italiano as seguintes
familias residentes em São Paulo, com renovada dor, recordam seus
queridos parentes que o odio racial levou ao supremo martirio

Familias Anau, Bondi e Temin: Roberto Belleli Luisa Anau Belleli Anna Belleli Muggia Aldo Muggia Lia Muggia Alice De Benedetti Sacerdoti Vittore Hanau Mario Hanau Margherita Hanau Morpurgo Giorgio Coen	Stellina Sacerdoti Claudio Sacerdoti Camillo Sacerdoti Sergio Sacerdoti Regina Segre Eugenia Muggia
Emilio Calabi e Familia: Pia Calabi Avigdor Federico Avigdor	Mario Ello Levi e Familia: Vittorio Levi Rita Levi Zoe Austerlitz Vittorio Menasse Elda Menasse
Familia Carlo Calif: Enea Levi Elide Levi Silvana Levi Luisa Levi	Giannino Maroni e Familia: Della Maroni Segre Lidia Bassant
Davide Caló e Bice Coen Caló: Flora Caló Mendes Saverio Coen Dante Caló Pacifico Caló	Clandio Milano e Familia: Angelo Milano Carlo Pontecorvo com a esposa e o filho
Familias Vittorio e Oscar Camerini: Iolè Camerini Goldschmidt	Carlo Mondolfo Cesare Viterbo Giacomo Coen Rita Coen Renato Coen
Adalberto Corinaldi e Margherita Polacco Corinaldi:	Giuditta Piazza Coen e Familia: Giacomo Piazza Amelia Coen Piazza Irene Coen Guetta Ester Della Torre Di Capua

Fragmento do artigo do *Tribuna Libera* reproduzido no *Fanfulla*.
S. Paulo, 17 de maio de 1950. Acervo: APESP/SP;
Arqshoah/Leer-USP.

que contratar um despachante, conseguindo, assim, com muito custo e desgaste, legalizar minha permanência aqui no Brasil.

Finalmente, em 1951, retornei à Itália para visitar amigos e parentes. Visitei aquela antiga fazenda que eu havia arrendado. Parei o carro na frente da primeira casa, que agora estava mais velha ainda. Eu nunca tive condições de fazer uma nova. Então perguntei:

– Aqui mora Pepe Jose?

– Sim! – responderam

– Tudo bem?

– Ah, sim! Tudo bem!

– Vocês sabem quem eu sou?

– O senhor é o veterinário, não?

– O senhor é...?

– Também não! – respondi. Vou dar uma chance para vocês se lembrarem de mim.

Tentem pensar 13 anos atrás...

– Treze anos?

Sabem como são os camponeses... Reuniram-se em um canto e começaram a conversar entre eles até que alguém me perguntou:

– Sr. Vittorio?

– Exatamente, Sr. Vittorio!

Foi quando começaram a gritar e a chamar o pai:

– *Babo, babo!!!* [*babo é pai em italiano*].

De longe, vi um homem com um velho chapéu de palha (o mesmo chapéu de 15 anos atrás). Trazia um feixe de cana na cabeça. Jogou fora as canas, começou a correr e me abraçou. Eu lhes garanto que esta foi uma das maiores emoções da minha vida: a acolhida daquela gente! Treze anos depois!!! Uma gente para quem eu sempre procurei ser justo. Não que tivesse feito coisas maravilhosas, mas eu procurava ser justo, sempre. Eu queria ver todos, pois eles haviam se afeiçoado a mim e vice-versa.

Lembro-me que já era tarde... Era verão. E, no verão, o sol se põe tarde. Então, eu lhes disse que gostaria de ver a Brumette, mas estava ficando tarde. Perguntei-lhes se poderia

ir até ali... Nisso chegou um rapaz de bicicleta com um recado para mim: “Sr. Vittorio, a mãe de Brumette quer vê-lo.”

Diante do pedido de uma senhora de 90 anos, eu não resisti. Fui até lá e tive a satisfação de ver como aquela gente ainda se lembrava de mim. Felizmente, as boas lembranças ficam..., mas, os momentos difíceis que passamos – como judeus perseguidos – não devem ser esquecidos. Antes de entregar o meu testemunho por escrito, quero contar uma estória que, provavelmente, é conhecida:

Uma vez se apresentou ao sábio Hilel um pagão. Isso é coisa de muitos, muitos anos atrás. Este pagão via sempre aquele homem estudando, estudando. Então, disse-lhe o seguinte:

– Eu me converto à sua religião se puder me explicar o sentido dela, apoiado sobre um só pé.

O velho sábio olhou-o bem, colocou-se de pé, levantou uma das pernas e respondeu-lhe:

– Não faça aos outros o que você não quer que seja feito a si mesmo. O resto é comentário.

Vai estudar!

No fundo, a religião se reduz a isto: procuramos viver em paz, nos ajudando sempre.

Testemunho/documento de Vittorio Terni

12 de Março de 1990

Não preciso alongar-me sobre os motivos pelos quais foi induzido a deixar a Itália, o fascinante país no qual tinha nascido e em que minha família vivia há pelo menos cinco gerações, o país que eu amava profundamente e no qual tinha transcorrido a infância e a maior parte da juventude. Separar-me dos Pais, já em idade avançada, dos parentes e dos muitos amigos, separar-me de minha Terra foi extremamente duro. Mas a tragédia que se repetia comigo, já havia ocorrido muitas vezes na história da minha gente!...

Cheguei ao Brasil em 26 de julho de 1939, quase um mês antes que o nunca suficientemente maldito Hitler, de acordo com o igualmente alheio Stalin, ordenasse a invasão da Polónia.

Entre os italianos, que por motivos raciais vieram para cá, lembro o Prof. Tullio Ascarelli (aluno predileto de Cesare Vivante), já docente de Direito Comercial na Universidade de Roma, o Prof. Carlo Foa, docente de Fisiologia na Universidade de Milão, o Prof. Mario Artom, dermatologista, primário no Hospital de Verona, o Prof. Giulio Segre, docente de ginecologia e obstetria na Universidade de Turim, o advogado Enrico Rimini, que obteve a representação do Walt Disney, o engenheiro Hugo Frankenthal, que trabalhou durante vários anos na Fazenda Morganti em Araraquara e depois em importantes firmas construtoras de S. Paulo, como a Dacio de Moraes. Lembro ainda o grande comerciante de tecidos Enrico Castelnuovo de Roma, os irmãos Vittorio e Oscar Camerini de Milão, que trabalhavam com fazendas de lã, os comerciantes em pimenta e depois em café Romolo Bondi, Peppino Anau e Rodolfo Temin; Sergio Tagliacozzo, que foi diretor de vendas

A e B – Testemunho manuscrito de Vittorio Terni a Maria Luiza Tucci Carneiro, anterior à entrevista concedida em 12.12.1990. Carta enviada após ter lido o livro *O anti-semitismo na Era Vargas*, de Tucci Carneiro. S. Paulo, 12 de março de 1990. Acervo: Tucci/SP.